



Thiago Toshiyuki Matsumura Hondo

CURSO – MEDICINA/UNIFESP

“Eu cheguei aqui pensando que ia fazer Veterinária”

Thiago Hondo está começando sua Residência Médica na Unifesp – a mesma universidade em que fez sua graduação. Na entrevista, ele fala do colégio, da escolha da carreira, do ano de cursinho e das inúmeras atividades que desenvolveu na sua excelente faculdade.

JC – Quando você se formou no colégio e onde você fez faculdade?

Thiago – Me formei no colégio em 2012 e fiz Medicina na Unifesp. Faço residência em Anestesia, na Unifesp também.

Direto do terceiro ano você entrou em alguma faculdade de Medicina?

No terceiro ano, eu prestei o vestibular das universidades públicas que todo mundo faz, mas nenhum particular. Pelo Enem, eu passei em federais de outros estados.

Como você veio estudar com a gente? Através de algum parente, amigo? Ou veio por escolha própria?

Foi um pouco dos dois. Eu tinha um amigo que queria ITA e veio para cá porque os pais dele acharam que o Etapa era um colégio mais forte. Meus pais concordaram com os pais dele e viemos os dois.

O seu amigo quis ITA. Passou?

Passou no ITA e já se formou também.

Você escolheu Medicina desde o começo do colégio?

Eu cheguei aqui pensando que ia fazer Veterinária, porque era a única coisa que eu gostava na época. Era isso ou Engenharia.

Quando você mudou de ideia?

Foi no segundo para o terceiro ano que eu decidi. Foi bem no último momento.

Quando você se decidiu por Medicina, mudou sua rotina de estudos?

Eu já estava me preparando para um vestibular concorrido desde o primeiro ano. Então, eu continuei minha rotina de estudos no terceiro ano. Se eu não conseguisse passar, teria mais para a frente outros períodos para fazer vestibular de novo, o que não é o fim do mundo.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

(ENTRE PARÊNTESES)

Um trabalho...

3

CONTO

Uns braços – Machado de Assis

4

POIS É, POESIA

Luís Vaz de Camões

8

Aqui, na época do colégio, você fazia alguma atividade, olimpíada, ou grupo de leitura, de cinema, canto ou outra dentre as opções que o Etapa oferece?

Além do grupo de estudos da Medicina, eu fiz Olimpíada de Física, Olimpíada de Matemática e Olimpíada de Biologia.

No colégio, você participou dos intercâmbios?

Eu fiz dois intercâmbios de inglês: para San Diego, no segundo ano, e para Cambridge, no começo do terceiro ano. Eu gostei muito de fazer isso. Depois, você pode colocar no currículo que fez intercâmbio de inglês, o que é bom.

No terceiro ano, você fez e não foi aprovado direto. Como foi isso?

No terceiro, eu percebi que não estava indo tão bem quanto precisava para passar em Medicina. Mesmo assim, eu fiquei só por um ponto na Fuvest, passei para a 2ª fase na Unifesp e para a 2ª fase na Unicamp e na Unesp. Faltou melhorar a colocação na 2ª fase. Eu percebi que tinha conseguido aprender; se estudasse mais, conseguiria passar.

Como você encarou esse ano de cursinho?

Eu percebi que, com esse ano a mais, poderia ter um tempo para pensar e tentar amadurecer um pouco. Então, esse ano eu passei estudando mais. E também comecei a namorar nesse tempo. Eu sabia que precisava mudar um pouquinho o psicológico.

Aí você entrou na Medicina Unifesp? Você se adaptou facilmente?

Lá, o importante é você ter o conhecimento de como estudar. Acho que o Colégio Etapa me favoreceu nisso, porque eu tinha um hábito de estudos, uma disciplina.

O que você viu de matérias nos primeiros anos?

Eles são os anos básicos, nos quais nós temos aprendizados mais teóricos. Biofísica, Bioquímica, Fisiologia, Anatomia. Um primeiro contato com o paciente.

Tinha alguma atividade que você fazia na Unifesp entre as várias extensões?

Eu fiz parte do projeto “Há braços”, que é um projeto que nós vamos no hospital conversar com os pacientes, não como médicos ou alunos de Medicina, mas como pessoas, para entender o que acontece dentro do hospital com os pacientes.

Você fez mais alguma atividade além dessa?

Entre na Liga de Urgências Cardiovasculares, também no primeiro ano.

E passou a outras ligas depois?

No segundo ano, eu comecei uma iniciação científica, com a Simone Abib, do GRAACC [instituição que cuida de crianças com câncer].

E no terceiro ano?

O terceiro ano foi bem corrido. Eu fiz duas ligas: a da Neurocirurgia e a do Técnico-Operatório e Cirurgia Experimental. No segundo ano, também fiz a monitoria de Anatomia, até o quinto ano.

Mais alguma coisa nas atividades extras?

No quarto ano, eu consegui um projeto na Neurocirurgia, que saiu na revista *Pediatric Neurology*.

Você lembra do seu primeiro paciente?

Foi na Liga de Ciências Cardiovasculares, no primeiro ano. Ele era um paciente que tinha infartado, estava no hospital para ser estabilizado e fazer vascularização, que é colocar o *stent*. Acompanhei o paciente desde o momento que chegou no hospital até o momento que saiu.

Como é trabalhada a questão humana do médico?

Pela bioética, que trata do contato com os pacientes, da afinidade que você sente com eles. O que chamam transferência e contratransferência. A transferência é o que você sente na primeira impressão, e a contratransferência é o que você sente a partir do que está fazendo. É uma troca emocional, uma troca afetiva. A gente tem que entender e controlar um pouco essas emoções, para não ser parcial no atendimento.

Houve algum momento mais difícil nesse relacionamento com o paciente?

Foi uma senhora que tinha vindo do pronto-socorro, com dor de barriga. Parecia uma dor inofensiva, a princípio. Mas, ao examiná-la, a gente viu que ela tinha o que chamamos de livedo reticular. Quando vi aquilo, gelei. Encaminhamos para a sala de emergência para tratar a infecção, mas ela morreu antes que pudéssemos salvá-la. Apenas alguns momentos antes, ela estava andando. É bem triste. Isso foi no sexto ano, no ano passado. Eu fui dar a má notícia para a acompanhante. Chorei junto com ela.

Como se desenvolve a parte acadêmica regular?

Nos dois primeiros anos, no ciclo básico, você estuda Fisiologia, Biofísica e Bioquímica. Terceiro e quarto ano é ciclo clínico, você aprende Semiologia, Patologia, começa a falar com os pacientes, o que é bom. Quinto e sexto ano, é intensivo.

Além do internato, no quinto e no sexto ano, você ainda tem matérias teóricas?

É bem menos teoria e você fica no hospital atendendo paciente. Você faz plantão de pronto-socorro, atendimento ambulatorial, evolução de enfermagem, evolução da UTI, entra nas cirurgias, atende paciente, dá conduta... você só discute as condutas com os preceptores antes de pegar o carimbo deles e dá para os pacientes.

No seu último ano de faculdade, qual foi a sua maior preocupação?

Foi passar na Residência.

Como foram as provas?

Há duas fases. A primeira fase aconteceu no final de novembro, e eu tive o mês de novembro só para me dedicar à prova.

E a segunda fase?

A segunda fase aconteceu em janeiro. O resultado saiu dia 5 de fevereiro.

O que o currículo para a Residência valoriza?

Suas apresentações em congressos, publicações em revistas, prêmios e reconhecimentos estudantis. Se você ganhar uma olimpíada conta, inclusive Olimpíada de Física valia muito. E também prêmios esportivos.

Você aproveitou suas atividades da época do colégio?

Eu perdi meus certificados. É bom guardar os certificados da época do colégio.

Fale de seu mestrado e da Residência que você está fazendo.

No mestrado, você tem seis meses para fazer o projeto e mais dois anos para terminá-lo e concluí-lo. Antes de terminar a Residência, vou ter terminado o mestrado.

Em que área é sua Residência?

Quando eu entrei na Unifesp, queria Neurocirurgia. Pensando nisso, fiz as Ligas de Neurologia e Técnico-Operatório. Depois vi que não era uma vida para mim – muito taxativa, com muita cobrança, você perde sua saúde. Além de a neurocirurgia ser um mercado muito fechado. Eu queria algo que me permitisse ter mais tempo de estudar, me desenvolver como pessoa, que pudesse me desenvolver como cientista. Eu vi que a Anestesia é uma especialidade muito focada na segurança do paciente e atende o que eu quero. A ideia é fazer protocolos para que haja menos erros humanos nas cirurgias.

Quais os seus planos para o futuro?

Pretendo fazer alguma especialização em cirurgia, porque o anestesista com especialização tem melhores colocações. Mas primeiro tenho que passar pela Residência.

E os amigos do colégio, vocês ainda se encontram?

Sim. Todo ano a gente se encontra pelo menos para ver como cada um está. A Thaís, que está se formando em Botucatu, encontrei em outubro do ano passado junto com a Anne e o Fernando Takeda, que está na Santa Casa. O William, que também está na Santa Casa, vai se formar ano que vem. A gente criou um grupo, nos envolvemos, cada um seguiu sua vida, mas todo mundo sabe que está por aí, que vai se encontrar.

O que você diria para quem vai ler o jornal?

Acreditem que tudo o que vocês fazem vai levar a um resultado no futuro. Vocês estão adquirindo conhecimento e estão melhorando. Essa é a parte importante: vocês perceberem que estão aprendendo.

(ENTRE PARÊNTESES)

Um trabalho...

Um trabalho é realizado em duas etapas, gastando-se 2h40min35s na primeira e o dobro desse tempo na segunda. Havendo um intervalo de 7 minutos entre as etapas, então, o trabalho todo é executado em:

- a) 8h08min45s
- b) 8h30min30s
- c) 8h20min10s
- d) 8h01min52s
- e) 8h15min18s

RESPOSTA

$$\begin{aligned} \text{Trabalho todo} &= 2\text{h}40\text{min}35\text{s} \\ &+ 4\text{h}80\text{min}70\text{s} + 7\text{min} \\ &= 6\text{h}127\text{min}105\text{s} = 8\text{h}08\text{min}45\text{s}. \end{aligned}$$

alternativa A